

## **O Mundo no Terceiro Milênio: Entre a Barbárie e o Socialismo**

Mário Maestri\*

Professor do Programa de Pós-Graduação em História da UPF. E-mail: maestri@via-rs.net

O século 20 abriu-se sob o signo da revolução socialista e encerrou-se sob o da restauração capitalista. Em inícios do terceiro milênio, a destruição dos Estados de economia nacionalizada e a crescente incorporação à esfera da produção capitalista da China, do Vietnã, de Cuba projetavam eventual cenário mundial em que a produção nacionalizada e planejada pode desaparecer da face da terra. A contra-revolução em curso do capitalismo em sua fase senil constitui o maior drama histórico até hoje vivido pela humanidade, já que a barbarização social ameaça a própria sobrevivência da vida humana sob o planeta.

A classe operária propôs-se por primeira vez como alternativa social necessária, na França, em 1796, na *Conspiração dos Iguais*. (ROUGERIE, 1964) Em meados do século 19, começou a assumir sua conformação contemporânea, produzindo formas de organização e visões de mundo que expressavam a necessidade histórica da superação da ordem capitalista. A materialização mais avançada na forma da consciência dessa necessidade deu-se, sobretudo, no plano das idéias, com o marxismo e, das práticas sociais, sob a orientação dos partidos operários marxistas. Em 1847, publicou-se o *Manifesto comunista* (ALMEIDA, CANCELLI, 1998); em 1864, fundou-se a I Internacional; em 1867, editou-se *O capital*, de Karl Marx. (MARX, 1973)

Quando da primeira crise geral da produção capitalista, após acumulação de força e de experiência, fortalecida pelas jornadas de 1848, o operariado conquistou, por primeira vez na história, na Comuna de Paris, em 1871, transitoriamente, o domínio do Estado. A derrota da Comuna demarcou longo refluxo do movimento operário europeu, que teve como pano de fundo duas décadas de marasmo

econômico (LISSAGARAY, 1995, GUERIN, 1966). Em 1917, no contexto da primeira guerra mundial interimperialista, os trabalhadores conquistaram o poder na Rússia, no então maior Estado europeu, materializando a proposta de reorganização social do mundo e ensejando forte expansão mundial de prestígio do marxismo, do mundo do trabalho e do socialismo revolucionário. A revolução russa compreendia-se como prólogo da revolução européia, imprescindível a sua consolidação e expansão. (TROTSKY, 1984, LUXEMBURG, 1991).

De 1918 a 1924, a expansão da revolução operária foi derrotada na Alemanha na Áustria, na Bulgária, na Hungria, na Itália, na Espanha, ensejando a vitória do fascismo, na Itália, em 1922, e refluxo da vaga revolucionária (BROUÉ, 1971; AUTHIER, 1975; FIORANI, 1963; MAESTRI, & CANDREVA, 2007 [no prelo]; TROTSKY, 1979). A contra-revolução na Europa contribuiu e foi facilitada pela gênese e consolidação do stalinismo, na URSS, a partir de meados de 1920.(KOLLONTAÏ, 1977; TROTSKY, In: TROTSKY1963, p. 443-636).

No mundo dos fenômenos objetivos e subjetivos, a derrota do primeiro impulso revolucionário de 1917 contribuiu para o desenvolvimento e consolidação das teorias fascistas, racistas e genocidas, objetivações das necessidades contra-revolucionárias da ordem capitalista. (LUKÁCS, 1980).

### **Segunda crise geral capitalista**

Em 1929, a segunda crise geral da produção capitalista mundial, de inusitada violência, convulsionou socialmente a ordem capitalista, fraquejando a dominação de classe, restabelecida através da imposição da ditadura nazista na Alemanha [1932], do salazarismo em Portugal [1933], do franquismo na Espanha [1939], do colaboracionismo social na Inglaterra e na França, etc. A derrota do mundo do trabalho deu-se apoiado no colaboracionismo com o capital das direções social-democratas e com o subjuncão da

ação do movimento revolucionário e operário mundial aos objetivos nacionais imediatos da diplomacia soviética, abrindo-se as portas à II Guerra Mundial e seus cinquenta milhões de mortos.(MANDEL, 1989; TAYLOR, 1979; DAHMS, 1968).

A hecatombe interimperialista mundial e a derrota do Eixo ensejaram nova impulsão revolucionária, sobretudo na Ásia – China [1949], Coreia do Norte [1952], Vietnã do Norte –, e na Europa Oriental – Itália, França, Iugoslávia, Grécia, Alemanha do Leste, Polônia, Tcheco-Eslováquia, etc. –, reprimida, abafada ou controlada pela ordem stalinista e burocrática, que após a extensão da propriedade privada nos países do Leste europeu, restringiu o dinamismo social ensejado pelas nacionalizações e planejamento da vida econômico-social nessas regiões do mundo. No novo contexto, dois terços da humanidade escapou à ordem capitalista, sem porém superar o ordenamento nacional através da planificação geral de suas economias e sociedades, sob a direção democrática dos trabalhadores organizados. O parasitismo da burocracia stalinista ensejou as revoltas operárias e populares na Alemanha Oriental, em 1953, e na Hungria, em 1956, reprimidas militarmente.

Apesar da repressão imperialista, da traição social-democrata e do parasitismo stalinista, a revolução anticolonial e antiimperialista retomou forte impulso na Ásia, na África e nas Américas – Egito [1952], Argélia [1956], Cuba [1959-61], Vietnã do Sul [1974], Angola [1975], Moçambique [1975], Iêmen, Etiópia, Nicarágua [1978], El Salvador, etc. – iniciando, em alguns casos, com maior ou menor intensidade, a nacionalização da propriedade e o planejamento da economia, em direção a uma ordem econômica socialista que jamais assentou a direção do Estado nas classes trabalhadoras organizadas livremente. (GRIMAL, 1985; ROSSELL, 1967).

Em 1968, a impulsão revolucionária invadiu o coração da Europa, com as jornadas anticapitalistas na França e Itália, e antiburocráticas na Tcheco-Eslováquia. Nos Estados Unidos, coração do império capitalista, a hegemonia política do grande capital sobre a sociedade foi abalada pela vaga revolucionária mundial, que ensejou a formação e desenvolvimento dos movimentos pacifista, *hippie*, negro, estudantil, feminino, etc. estadunidenses. A derrota militar do imperialismo USA no Vietnã, Camboja, Laos, nos anos 1974, aprofundou a depressão do imperialismo estadunidense, por longos anos incapaz de propor ação militar direta no exterior. A

revolução mundial voltou à ordem do dia, fortalecendo as concepções racionalistas, socialistas, humanistas, feministas, solidaristas, etc.(MANDEL, 1982).

### **Terceira crise geral**

A produção capitalista mundial conheceu sua terceira crise cíclica geral, com o esgotamento do *boom* da acumulação capitalista de 1947-1973, aprofundando a situação revolucionária internacional. Impunha-se, para o mundo do trabalho, a destruição geral da ordem social e produtiva capitalista e, para essa última, a destruição dos Estados de economia nacionalizada e salto qualitativo na imposição mundial de suas necessidades anti-sociais. (HOBSBAWM, 1997).

A maré revolucionária não alcançou a vergar a ordem capitalista. Ela esmoreceu em fins da década de 1970, retrocedeu nos anos oitenta, foi batida em inícios dos anos 1990. A coesão da ordem burocrática, nos países do Leste e no Oriente, e da social-democracia, na Europa Ocidental, contribuíram fortemente ao fracasso histórico do mundo do trabalho. A vitória do golpe militar no Brasil, em 1964, e as derrotas das revoluções chilena [1973], portuguesa [1976] e afegã [1988-9] desempenharam papel fundamental no refluxo da revolução mundial.(JUST, 1980) Sob a pressão da contra-revolução, as revoluções nicaragüense e salvadorenha pactuaram a entrega do poder, a primeira, em 1990, já vitoriosa, a segunda, em 1992, a poucos passos da conquista do poder.

Nos países de economia nacionalizada, a incapacidade da classe operária de sobrepor aos segmentos burocráticos que esgotavam o dinamismo do impulso social determinado pela expropriação da propriedade privada e planejamento da economia abriu o caminho para a contra-revolução capitalista restauradora, ao conquistar amplos setores da população e das classes trabalhadoras à proposta de restauração capitalista. O conflito sino-soviético e a corrida armamentista, fomentada pelos USA e pela OTAN, desempenharam também importante papel no processo contra-revolucionário, impondo gastos militares vultuosos e interrompendo as expectativas de melhoria material e imaterial das populações dos países de economia nacionalizada e planejada. A política das direções

burocráticas de defender os Estados operários com as forças armadas e não com o avanço da revolução mundial contribuiu à vitória imperialista. (DEUTSCHER, 1967; DEUTSCHER, 1970; DEUTSCHER, 1968).

O impasse da revolução mundial; a estagnação econômica e tecnológica das sociedades de economia nacionalizada e planificada, que jamais planejaram e articularam internacionalmente suas sociedades e economias, sob as fronteiras nacionais; a reação capitalista, apoiada no desenvolvimento tecnológico – Terceira Revolução Técnico-Científica –, na superexploração do trabalho, na rapina imperialista, etc., permitiram que a maré contra-revolucionária dos anos 1980, sob a direção do imperialismo anglo-estadunidense [Ronald Reagan [1981-89]; Margaret Thatcher [1979-1990]; papa Wojtyła [1978-2005] e com a cumplicidade do reformismo operário, vergasse o ímpeto revolucionário e os países de economia nacionalizada.

### **A queda do Muro**

Em dezembro de 1989, o Muro de Berlim ruiu sob a pressão e a atração do capitalismo triunfante e não sob a mobilização anticapitalista, dos trabalhadores do *Ocidente*, e antiburocrática, do mundo do trabalho do *Oriente*, abrindo um novo ciclo histórico da luta de classes mundiais, radicalmente desfavorável ao mundo do trabalho. A *Queda do Muro* ensejou que a economia capitalista, por um lado, anulasse enormes conquistas obtidas pelos trabalhadores nos países capitalistas e, por outro, recuperasse através de restauração capitalista imensas áreas do Globo que lhes escapara às mãos em 1917 e após a II Guerra. (BROUÉ, 1996).

A contra-revolução mundial empreendeu a *reorganização* material e espiritual das mais diversas esferas da vida social segundo as exigências e as necessidades socialmente destrutivas do capitalismo em sua fase senil. A independência e a unidade nacional das nações de desenvolvimento periféricas passaram a ser questionadas pelo imperialismo triunfante na procura de submissão plena dos povos às necessidades do grande capital de circulação sem entraves dos capitais, das matérias-primas, das mercadorias, das tecnologias, dos serviços, etc. ensejando a dissolução nacional da URSS, da Iugoslávia, da Tcheco-Eslováquia. A guerra imperialista

contra a Iugoslávia, em 1991, pôs fim à retração militar USA, desde a derrota no Vietnã, e impôs a hegemonia militar estadunidense sobre a União Européia.

Organismos mundiais como o FMI, Banco Mundial, OMC, OCDE, Fórum de Davos, ONU, etc. passaram a impor a liberalização e a precarização das relações trabalhistas; o confisco de conquistas sociais; a privatizações das propriedades públicas; os cortes nos serviços e investimentos públicos e sociais; etc., organizando as transferências direta e indireta dos bens e da renda nacionais ao grande capital, lançando na miséria relativa e absoluta crescentes parcelas da população mundial. A precarização da vida tornou-se uma realidade crescente mesmo no coração dos países de capitalismo desenvolvido.( Cf. CARBONI, Florence & MAESTRI, 1999).

Em proporção jamais vista, organizou-se a apropriação das riquezas sociais pelo capital financeiro, sobretudo através do mecanismo do pagamento da dívida pública. O Estado assumiu como função precípua a produção de *superávits* nas contas públicas que assegurem o pagamento de dívidas escorchantes, através das privatizações; do arrocho fiscal e salarial; do corte em investimentos; das leis de *responsabilidade fiscal*, etc. Sob o crescente domínio imperialista, o grande capital ampliou qualitativamente sua forma de reprodução financeira, que não lhe exige sequer a fase crítica de sua transformação em mercadoria a ser realizada no mercado. (BIONDI, 1999).

### **Destruição destrutiva**

A situação de expropriação financeira permanente ensejou sucessivas crises financeiras mundiais setoriais, centradas em países de economia frágil ou robusta, que resultaram em violenta destruição de riquezas e agravamento da submissão econômica, social e política ao capital imperialista mundial, em geral, e estadunidense, em especial das nações por elas envolvidas – Grécia e Turquia, em 1992; México, em 1994-5; sudeste asiático, em 1997-8; Rússia, em 1998; Brasil, em 1999; Argentina, em 2001-2.

A vitória da contra-revolução mundial e a dissolução, enfraquecimento, corrupção ou metamorfose social-liberal de partidos e de organizações operárias facilitaram a *flexibilização* das relações trabalhistas; a *terceirização* de esferas produtivas; o princípio do *just in time*, da polivalência; a subjunção plena pessoal e ideológica do trabalhador à empresa; a dispersão e deslocamento industrial; o desemprego estrutural e conjuntural; o desenvolvimento de classe trabalhadora mais fragmentada, mais heterogênea, mais instável.

A diminuição e a destruição de inteiros ramos produtivos foram acompanhadas pela crescente universalização das relações de produção capitalista, que envolve antigos e novos segmentos da produção e dos serviços. A cultura, a escola, a informação, o lazer, a moradia, a saúde, a segurança, a sexualidade, etc. transformaram-se mais e mais em ramos da esfera da acumulação capitalista. Contraditoriamente, a classe trabalhadora, no contexto de derrota política e social histórica, ocupa, mundialmente, crescente centralidade político-social, devido ao seu caráter de produtora de valor e de mais-valia. Ali onde recua o número de trabalhadores por unidade de capital, cresce a produção de valor por unidade de trabalho.

Sob o refluxo do mundo do trabalho, multidões de intelectuais de esquerda entregaram-se ao derrotismo; acomodaram-se à nova ordem; passaram de armas e bagagens para o campo do grande capital triunfante. No mundo das representações sociais, artísticas, culturais, etc., deprimiu-se profunda e aceleradamente o prestígio do racionalismo e do marxismo como explicações do mundo, dominando crescentemente o irracionalismo, o individualismo, o hedonismo, o consumismo, o exclusivismo, o pacifismo, etc. Esse momento de depressão da racionalidade foi registrado magistralmente no sucesso mundial da ficção mística e trivial de Paulo Coelho, com *Diário de um mago* [1987], *O alquimista* [1988] e *Brida* [1989]. ( FINKIELFRAUT, 1988; LIPOVETSKY, 1989; MAESTRI, 1998).

### **Morte da revolução**

A intelectualidade orgânica do capital e seus aparatos de divulgação passaram a propor incessantemente a morte da revolução, do socialismo, do trabalho; o caráter ontologicamente reformista do proletariado; a substituição do movimento e da luta social pela

"sociedade civil"; a vigência da "era pós-industrial".(ANTUNES, 1995; ANTUNES, 2000; DE MASI, 1999; FRIEDMANN, 1968; GORZ, 1982; KURTZ, 1992; NUNES, 2000; OFFE, 1989). As propostas de reforma social foram apontadas como mitos ideológicos macabros e a derrota do movimento social como prova irretorquível da obsolescência do socialismo e do marxismo. Intelectuais de esquerda como Eric J. Hobsbawm apresentaram a derrota do mundo do trabalho de fins dos anos 1980-inícios dos anos 1990 como o fim histórico do socialismo.(COURTOIS, 1997; HOBBSAWM, 1997).

A pretensa *morte da revolução* e do *socialismo* foi definida como antecâmara de nova fase da História onde o progresso e a felicidade seriam garantidos pelo desenvolvimento incessante da economia de mercado. Para essa apologia capitalista, com o *fim da história*, sob a ordem social capitalista, o mundo conheceria um desenvolvimento quantitativo, pacífico e ininterrupto das condições de vida das populações, de vigência milenar, se não eterna. Propôs-se o caráter ontologicamente reformista da classe trabalhadora.(GORENDER, 1999). Produziu-se uma farta literatura em torno da *morte da revolução, do socialismo e do trabalho*.

A euforia da vitória da contra-revolução foi transitória. As propostas de fim da história ruíram sob o prosseguimento da luta de classes na terrivelmente doçosa procura de soluções necessárias às contradições sociais. A destruição e expropriação dos Estados de economia nacionalizada e planejada determinaram o literal massacre social, quando não físico, de milhões de trabalhadores, sem que ensejasse o prometido relançamento geral da produção capitalista mundial. Em muitas das nações da ex-URSS, retrocedeu a própria esperança de vida média da população.

No contexto de acelerado desenvolvimento técnico-científico, o desemprego, o egoísmo, a guerra, o nacionalismo, a angústia, novas doenças, a fome espiritual e material, etc. tornaram-se o pão cotidiano de multidões crescentes de homens e de mulheres, de adultos, de jovens e de crianças. Então, a apologia capitalista abandonou a promessa de uma possível abundância para todos pela apresentação e defesa da miséria e da violência como atributos naturais e incontornáveis da sociedade humana e socialmente necessários ao seu desenvolvimento.

### **Primeira contra-ofensiva**

A partir da metade da década de 1990, esgotou-se a fase *gloriosa* da ofensiva contra-revolucionária neoliberal, ensejando que o mundo conhecesse a primeira tímida contra-ofensiva democrática. Na Itália, em 1996; na França e na Inglaterra, em 1997; na Alemanha, em 1998 etc. o liberalismo extremado foi afastado do governo com a vitória eleitoral do socialismo reformista ou da social-democracia.

Desde antes da *Queda do muro*, a metamorfose de partidos social-democratas e reformistas ao social-liberalismo – Partido Comunista Italiano em Partido Democrático de Esquerda, na Itália; Partido Socialista, na França, Espanha, Chile, etc.; Partido Trabalhista inglês; PT no Brasil, etc. – transformara essas grandes organizações de raízes operárias em eventuais opções privilegiadas do grande capital para a gestão governamental, devido à melhor capacidade de submeter a classe trabalhadora e a população ao programa neoliberal, apoiados em seus vínculos históricos e orgânicos com o movimento sindical e social.

No governo de grandes nações, a social-democracia e o socialismo reformista naturalizaram a exploração social, rejeitaram a luta anticapitalista, a socialização dos meios de produção, a independência ao grande capital financeiro, etc., limitando-se a gerir a exploração do mundo do trabalho, segundo as exigências gerais da ordem capitalista em crise, implementando o programa neoliberal: *flexibilização* do trabalho, privatizações, cortes sociais, etc. Sob a instrução dos organismos mundiais do grande capital, limitaram-se, quando muito, a mitigar a miséria absoluta com programas compensatórios e focalizados.(MANDEL, 1976).

No plano político e ideológico, os setores da esquerda da social-democracia e do socialismo reformista reduziram a luta anticapitalista e antiimperialista à denúncia do neoliberalismo, face perversa de capitalismo reformável, e abraçaram propostas utópicas de disciplina e mitigação e, portanto, de legitimação da exploração, como a Taxa Tobin; as políticas compensatórias; a “economia solidária”; o “orçamento participativo”, etc. (SINGER, 1999; GAISER, 1996). Essas tendências social-colaboracionistas organizaram-se internacionalmente no contexto dos Fóruns Sociais Mundiais, com destaque aos realizados em Porto Alegre.

Sem ter produzido e sustentado uma direção classista e anticapitalista autônoma, a reação social e democrática ao neoliberalismo foi frustrada pelas direções social-democratas e social-liberais, abrindo caminho para a agressão da OTAN, à Iugoslávia, em 1999; para as vitórias da direita nas eleições na Itália, em Israel e nos USA, em 2001; na França e em Portugal, em 2002; do Parlamento Europeu, em 2004, etc.

### **Crise objetiva e subjetiva**

A metamorfose social-liberal de tradicionais partidos e movimentos populares ensejou o fortalecimento do racismo; da despolitização; a rejeição à política; o deslocamento eleitoral de importantes segmentos sobretudo da classe operária tradicional europeia para partidos de direita e extrema-direita – França, Holanda, Itália, etc.

A falta de direção política socialista e revolucionária promoveu igualmente o desenvolvimento de movimentos dinâmicos e dispersos voltados ao combate à guerra, ao racismo, à destruição da natureza, à dívida dos países pobres, etc. que convergiram no chamado "movimento *no-global*" ou "altermundista", hegemônicos política e ideologicamente pela social-democracia e pela Igreja, que alcançou centralização orgânica e social, como assinalado, nos Fóruns Sociais Mundiais, a partir de 2001.

A ideologia "altermundista" limita à luta pela construção de um "outro mundo", nos marcos do capitalismo ["mudar o mundo, sem tomar o poder"]; rejeita a organização partidária e conquista do poder pelos trabalhadores; impugna a centralidade social do mundo do trabalho e a luta pelo socialismo; desconhece o direito de resistência armada dos povos oprimidos, etc. Nesse último caso, após as importantes mobilizações mundiais contra a agressão ao Iraque, negou-se a qualquer apoio à resistência militar à ocupação anglo-estadunidense.(ALI, 2004).

Com o apoio das organizações mundiais imperialistas, o movimento das ONGs defende e implementa a redução do Estado e sua substituição por *organizações* privadas da *sociedade civil* na satisfação, com recursos públicos, dos serviços sociais. Essa proposta e

prática ensejam a privatização *civil* dos recursos públicos e a satisfação simbólica, midiática e focalizada das necessidades básicas da população – educação, saúde, lazer, trabalho, etc.

As propostas “altermundistas” entraram em crise, sem serem superadas, com a dissolução das expectativas com a vitória de Luís Inácio Lula da Silva, em 2002, que implementou e aprofundou a gestão neoliberal do país, apoiado na burocracia sindical e social, não respondendo sequer às expectativas de domesticação da exploração do capital. A derrota do PT em Porto Alegre, em 2004, onde dominou por dezesseis anos, sem deixar qualquer traço social, encerrou a fase gloriosa dos Fóruns Sociais Mundiais, que conheceu verdadeira dissolução político-mediática na sua versão africana de 2006-7.

### **Ditadura do grande capital**

A política de reorganização do mundo, segundo às necessidades do grande capital, através dos organismos internacionais e de consórcio imperialista comandado pelos USA, implementada pelos democratas, durante as duas administrações de Bill Clinton [1993-2001], mostrou-se insuficiente ao grande capital estadunidense, que entregou o governo através, de golpe judicial, ao republicano George Bush II.

Definidos pelos ideólogos neo-conservadores [*neo-cons*], o novo projeto unilateralista propõe a imposição da hegemonia mundial USA permanente, a fim de manter o controle das reservas de matérias-primas estratégicas, através da submissão militar e colonial das nações e regiões do mundo que se impor. Um domínio imposto sem associação compartilhada, que descarregue os gastos das operações nas costas de Estados súcubos, como no Afeganistão, no Haiti, etc. Sobretudo, uma hegemonia que destrua, através da “guerra preventiva”, qualquer nação ou bloco que possa questionar, mundial ou regionalmente, a atual hegemonia estadunidense – Coréia, Iraque, Irã, etc.

As dificuldades iniciais de implementação da nova política neoconservadora, devido à crise de consenso interno ensejada pela entronização judiciária da administração Bush II, foram superadas com o ataque terrorista integralista islâmico às Torres Gêmeas, de

New York, em 11 de setembro de 2001, que galvanizou o chauvinismo nacional estadunidense; ensejou a semi-imposição de lei marcial nos Estados Unidos; submeteu incondicionalmente o Partido Democrata à estratégia conservadora; despertou a simpatia mundial com a *nação agredida*; enquadrou os aliados USA à política de “guerra ao terrorismo”.

A operação contra o Afeganistão, em fins de 2001, justificada devido à presença de Bin Laden e da Al-Qaeda naquele país, serviu como preparativo da ofensiva geral para controle das reservas petrolíferas do Iraque e, a seguir, do Irã. Esse projeto, parte dos planos de Bush I, após a Primeira Guerra do Golfo, fora postergado devido à vitória e administração de Clinton, em 1992-2000. A invasão do Iraque, em 2003, sob a escusa de prevenir ameaça de ataque por “armas de destruição em massa” inexistentes, por parte de “nação terrorista”, aos USA e ao “Mundo Livre”, era preparada, havia mais de uma década, pelo bloqueio econômico da ONU e zonas de exclusão aérea anglo-estadunidense.

### **Resistência popular iraquiana**

O ataque ao Iraque visava apoderar-se da segunda reserva mundial de petróleo; fragilizar a capacidade de regulação de preço da OPEP; relançar a acumulação de capitais, através da depreciação do preço do petróleo; interromper a crescente tendência à substituição do dólar pelo euro, como moeda mundial de trocas; estabelecer o domínio colonial sobre região rica em petróleo e em água, com fronteiras com o Kuwait, Arábia Saudita, Jordânia, Síria, Turquia, Irã. O controle do petróleo constitui estratégia fundamental do projeto de controle da expansão da China capitalista, profundamente carente de matérias-primas, em geral, e de petróleo, em particular.

Oposição mundial *preventiva* à guerra isolou a intervenção estadunidense, reduzida ao apoio efetivo dos britânicos e semi-simbólico de espanhóis, italianos, canadenses, australianos, dinamarqueses, etc. As concentrações de 15 de fevereiro de 2003, contra a guerra do Iraque, com de milhões de manifestantes, constituíram a primeira resposta unificada do movimento social mundial ao imperialismo, desde a derrota histórica de fins dos anos 1980. Como assinalado, esse movimento frustrou-se devido à negativa da

direção “altermundista” de aceitar e de apoiar a resistência armada à ocupação imperialista, que se seguiu à intervenção anglo-estadunidense.

O nascimento e o desenvolvimento do integralismo foram apoiados pelo imperialismo, como oposição ao pan-arabismo, ao socialismo, ao marxismo, ao comunismo – Afeganistão, Arábia Saudita, Egito, Paquistão, etc. Nos últimos anos, nos países muçulmanos, a luta contra a opressão imperialista e governos conservadores dá-se, com forte reflexo na Europa, entre a população imigrada islâmica, através de movimentos e programas *integralistas* de conteúdos obscurantistas e anti-sociais – submissão social à religião; discriminação feminina, etc. –, devido à crise de subjetiva e objetiva vivida pelo movimento operário mundial, ou seja, devido à fragilização do prestígio da ideológica e soluções socialistas propostas pelo mundo do trabalho.

A resistência militar impediu a *estabilização* imperialista do Iraque necessária para que os invasores implementassem o projeto de *reconstrução*, com as próprias riquezas do país, com o qual pretendiam assegurar maxi-lucros às multinacionais anglo-americanas e conquistar o apoio -neutralidade da população, ao porem fim ao desemprego e garantir a paz semicolonial. Obrigados a entregar, após as eleições de 2005, parte do poder aos partidos colaboracionistas pró-iraquianos, os anglo-estadunidenses encontraram-se, em fins de 2006, militarmente incapacitados de vencerem.

As vitórias democráticas no Senado e na Câmara, de fins de 2006, ensejaram a decisão da administração Bush II de confrontar a vontade da opinião interna estadunidense, através de uma extensão da guerra, com possível ataque ao Irã e, eventualmente, à Síria, em associação com Israel, que viabilize a submissão dos aliados europeus e da população USA ao confronto geral e estendido. No Afeganistão, o fortalecimento da resistência, sobretudo após a Otan aceitar substituir os USA no sul do país, fortalece igualmente as dificuldades militares do imperialismo na região, dificultando um envolvimento da Europa no Iraque.

## **Nova realidade**

No mundo de capitalismo desenvolvido, vitórias como as da mobilização operária em Roma, na Itália, em março de 2002, contra a reforma de Previdência; da juventude estudantil e operária, na França, em março de 2006, contra a flexibilização da legislação do trabalho; das mobilizações de meio milhão de trabalhadores estrangeiros nos Estados Unidos, contra as leis racistas, no 1º de maio de 2006, etc. não conseguem superar a crise de subjetividade do movimento social, ensejando que sejam canalizadas pelas propostas colaboracionistas, como a vitória dos socialistas da Espanha, em março de 2004, e do governo de Prodi, na Itália, em abril de 2006, que reiteram as propostas neoliberais e a submissão ao imperialismo.

Os anos de neoliberalismo golpearam duramente a América Latina, aumentando fortemente a miséria, a opressão, as diferenças sociais, e a luta popular. Duras mobilizações derrubaram os presidentes neoliberais Jamil Mahuad, em janeiro de 2000, e Lucio Gutiérrez, em abril de 2005, no Equador; De la Rúa, na Argentina, em dezembro de 2001; Sánchez de Lozada, na Bolívia, em outubro de 2003, sem proporem a conquista do poder, devido ao seu caráter pluri-classista, no contexto da inexistência de direção operária e da crise subjetiva motivada pela contra-revolução em fins dos anos 1980. O que permitiu a recomposição do regime de dominação.<sup>1</sup>

Nos últimos anos, o comércio mundial desenvolveu-se fortemente, em boa parte devido ao processo de restauração capitalista da China que, sob o influxo dos capitais mundiais, alcançou fortes índices de desenvolvimento, no contexto de violenta explosão das diferenças sociais, de forte exploração do trabalho, da destruição ambiental, etc. Com o desenvolvimento da produção mundial, as principais *commodities* – petróleo, gás, ferro, cobre, soja, etc. –, em geral privatizadas nas últimas décadas, valorizaram-se fortemente, sem melhorias na situação de vida das populações dos países produtores.

A valorização das matérias-primas e do mercado mundial ensejou estabilidade econômica relativa nos países latino-americanos fortemente imbricados ao mercado internacional, como o Chile e o Brasil, sob a direção de governos social-liberais. A Argentina,

---

<sup>1</sup> Cf. “Revolución y socialismo en el siglo XXI”. Socialismo o Barbárie. Revista internacional de teoría y política de la corriente Socialismo o Barbárie. Año V, noviembre 2004, número 17/18.

palco de fortes mobilizações operárias, sob a direção de Kirchner, priorizou a recuperação da produção e do mercado interno, através de negociação de melhores condições para a economia nacional, que não rompeu os laços com o grande capital e com o imperialismo.

Em países de economia dependente da produção dos recursos energéticos, fortemente valorizados, direções populistas de esquerda, de corte nacional-desenvolvimentista, elegeram-se com o programa de recuperação, através da nacionalização, em geral parcial, dos recursos energéticos, apoiados na mobilização popular. A eleição de Chávez, em 1999, na Venezuela, quinta produtora de petróleo do mundo, ensejou tentativa de golpe pró-imperialista desbaratado por insurreição popular, em abril de 2002, que acelerou a mobilização popular e o conseqüente ativismo do *chavismo*.

### **Petróleo e poder**

A radicalização venezuelana facilitou e incentivou as vitórias eleitorais de Evo Morales, populista e indigenista, na Bolívia, em 2005, no contexto de forte ativismo social, com proposta de nacionalização, igualmente parcial, da produção energética, e do economista Rafael Correa, nacionalista e humanista-cristão, no Equador, em novembro de 2006, que defende a reforma agrária, Assembléia Constituinte e uma maior recuperação da renda petrolífera.

A declarada intenção de Chávez, ao assumir seu terceiro governo, em janeiro de 2007, de aprofundar a nacionalização do petróleo, eletricidade e comunicações, privatizadas nos últimos anos, constitui primeira inversão de sinal na trajetória neoliberal instaurada em fins dos anos 1980. A radicalização latino-americana ensejou a necessidade do imperialismo e da burguesia mexicana de manipularem os resultados eleitorais, em julho de 2006, em país convulsionado pela mobilização popular – província de Oaxaca, 2006.

Os processos em curso na Venezuela, Bolívia e Equador não ensejaram, até agora, rompimento de fato com o imperialismo e com o capital. Seguem o pagamento da dívida e as indenizações das expropriações; a reforma agrária restringe-se às propriedades “não produtivas”, deixando de lado as melhores terras, na mão do grande capital; não se implementou órgãos populares de poder dual,

mantendo-se a gestão liberal-burguesa do Estado. A mobilização popular e operária tende, entretanto, a pressionar pela superação dos limites institucionais desses processos.

A vitória de Ortega, na Nicarágua de 1998, claramente identificado ao capital, reforçou o bloco social-liberal formado pelos governos do Brasil, Chile e Uruguai, apoios do imperialismo, que controla os governos colombiano, mexicano e guatemalteco. Ocupado no Iraque-Afganistão, o imperialismo tem deixado, até agora, sobretudo ao governo e interesses capitalistas do Brasil, envolvidos na exploração dos recursos energéticos da Bolívia e Equador, através da Petrobrás, companhia estatal-privada, o arrefecimento do ímpeto e exigências das reivindicações nacionalistas naqueles países e, conseqüentemente, da Venezuela.

## REFERÊNCIAS

ALI, Tariq. *Bush in babilônia: la ricolonizzazione dell'Iraq*. Milano: Fazi, 2004.

ALMEIDA, Jorge & CANCELLI, Vitoria. *150 anos de Manifesto Comunista*. São Paulo: Xamã, SNFP-PT, 1998.

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1995; ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 3 ed. São Paulo: Boitempo, 2000; DE MASI, Domenico. *A sociedade pós-industrial*. São Paulo: SENAC, 1999; FRIEDMANN, G. *O futuro do trabalho humano*. Lisboa: Moraes, 1968; GORZ, André. *Adeus ao proletariado: para além do socialismo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982; KURTZ, *O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992; NUNES, Célia. *A armadilha: incorporação e exclusão na sociedade do trabalho*. Rio de Janeiro: Educam: Clacso, 2000; OFFE, Claus. *Trabalho e sociedade: problemas estruturais e perspectivas para o futuro da 'sociedade do trabalho'*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

BIONDI, Aloysio. *O Brasil privatizado: um balanço do desmonte do Estado*. 5 ed. São Paulo: Perseu Abramo, 1999.

BROUÉ, Pierre. *Révolution en Allemagne. 1917-1923*. Paris: Lés Éditions de Minuit, 1971; AUTHIER, Denis. *A esquerda alemã: 1918-1919: "Doença infantil" ou revolução*. Porto: Afrontamento, 1975; FIORANI, Mário. *Breve história do fascismo*. Rio de Janeiro:

Civilização Brasileira, 1963; MAESTRI, Mário & CANDREVA, Luigi. *Antonio Gramsci: vida e obra de um comunista revolucionário*. 2 ed. corr. e ampliada. São Paulo: Expressão Popular, 2007 [no prelo]; TROTSKY, León. *Revolução e contra-revolução na Alemanha*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

BROUÉ, Pierre. *União Soviética: da revolução ao colapso*. Porto Alegre: EdUFRGS, 1996.

CARBONI, Florence & MAESTRI, Mário. *Mi son talian, grassie a Dio! Globalização, nacionalidade, identidade étnica e irredentismo lingüístico na Região Colonial Italiano do RS*. Passo Fundo: EdUPF, 1999.

COURTOIS, Stéphane. (Org.) *Le livre noir du communisme : crimes, terreur, répression*. Paris: Robert Laffont, 1997; HOBSBAWM, Eric. *Il secolo breve: l'epoca più violenta della storia dell'umanità*. Milano: BUR, 1997.

DEUTSCHER, Isaac. *La revolución inconclusa: 50 anos de história soviética*. México: Era, 1967; DEUTSCHER, Isaac *Las raices de la burocracia*. Barcelona: Anagrama, 1970; DEUTSCHER, Isaac *Ironias da história: ensaios sobre o comunismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FINKIELFRAUT, Alain. *La derrota del pensamiento*. 3 ed. Barcelona: Anagrama, 1988; LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero : a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989; MAESTRI, Mário. *Por que Paulo Coelho teve sucesso*. Porto Alegre: AGE, 1998.

GORENDER, Jacob. *Marxismo e utopia*. São Paulo: Ática, 1999.

GRIMAL, Henri. *La decolonisation, de 1919 à nos jours*. Bruxelles: Complexe, 1985; ROSSELL, Bertrand. *Crimes de guerra no Vietnã*. Trad. M.H.Kühner. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967

HOBSBAWM, Eric. *Il secolo breve: l'epoca più violenta della storia dell'umanità*. Milano: BUR, 1997.

JUST, Stéphane. *A revolução proletária e os Estados operários burocráticos*. São Paulo: A Palavra, 1980.

KOLLONTAÏ, A. *A oposição operária : 1920-21*. Porto: Afrontamento, 1977; TROTSKY, L. *La Révolution trahie*. In: TROTSKY, L. *De la révolution*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1963. Pp. 443-636.

LISSAGARAY, Prosper-Oliver. *História da Comuna de Paris*. 2 ed. São Paulo: Ensaio, 1995; GUERIN, André. *1871: la Commune*. Paris: Hachette, 1966.

LUKÁCS, G. *La distruzione della ragione*. 2<sup>a</sup>. ed. Torino: Einaudi, 1980.

MANDEL, Ernest. *Le troisième âge du capitalisme*. Paris: 10/18, 1976. 3 vol.

MANDEL, Ernest. *O significado da II Guerra Mundial*. São Paulo: Ática, 1989; TAYLOR, A. *A Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979; DAHMS, Gunther. *A Segunda Guerra Mundial*. Lisboa: Ibis, 1968.

MANDEL. *La crise: 1974-1982: Les faits. Leur interprétation marxiste*. Paris: Flammarion, 1982.

MARX, Carlos. *El capital: crítica de la economía política*. México: Fundo de Cultura Económica, 1973.

SINGER, Paul. *Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas*. 3 ed. São Paulo: contexto, 1999; GAISER, L.I. [Org.] *Formas de combate e resistência à pobreza*. São Leopoldo: Unisinos, 1996.

TROTSKY, León. *Histoire de la révolution russe*. Paris: Seuil, sd. 2 vol.; REED, John. *Dez dias que abalaram o mundo*. São Paulo: Global, 1984; LUXEMBURG, Rosa. *A Revolução Russa*. Petrópolis: Vozes, 1991.

WALTER, G. *Babeuf et la Conjuration des Egaux: 1760-1797*. Paris: Payot, 1980; GUÉRIN, Daniel. *Bourgeois et bras nus: 1793-1795*. France: Gallimard, 1973; ROUGERIE, Jacques. [Org.] *Procès des communards*. France: Julliard, 1964.